

Brasil para inglês ver

■ FH vai mostrar que país tornou-se seguro e atraente

NELSON FRANCO JOBIM

Correspondente

LONDRES — Mais de 180 empresas britânicas e 30 latino-americanas — num total de 420 delegados, incluídos representantes da comunidade académica — participarão da conferência *Ligação com a América Latina*, na segunda-feira, em Londres. A promoção do Ministério da Indústria e do Comércio da Grã-Bretanha visa a atrair a atenção do empresariado britânico para as novas oportunidades de negócios na América Latina, especialmente no Brasil. O presidente Fernando Henrique Cardoso chega a Londres, hoje à noite, para participar da conferência.

“Os objetivos são aumentar a visibilidade da região, fortalecer as relações com o Reino Unido e apresentar a Grã-Bretanha como uma porta de entrada para a União Européia”, explicou o vice-ministro do Exterior encarregado da América Latina, Nicholas Bonsor. “É uma tentativa do governo britânico de mostrar como a região mudou e adquiriu grande dinamismo nos últimos anos”, disse o embaixador britânico no Brasil, Keith Haskell. “Quaisquer que sejam as idéias que os empresários britânicos tinham da região há 20 anos, elas mudaram”, afirmou Haskell.

Apesar de os investidores britânicos estarem dedicando mais atenção e dinheiro à Europa Oriental, o governo acredita que também existem excelentes oportunidades de negócios na América Latina. A Grã-Bretanha era a potência econômica dominante na região no século passado. Neste século, perdeu espaço para os Estados Unidos e sua influência caiu sensivelmente com o declínio do Império Britânico, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial (1945). Em 39, a Grã-Bretanha era responsável por dois-terços do comércio com a América Latina.

Para recuperar o terreno perdido, diante da recuperação da economia latino-americana, nos últimos quatro anos houve mais de 100 visitas ministeriais à região. Há dois anos, o então ministro do Comércio e Indústria, Michael Heseltine, atual vice-primeiro-ministro, lançou o programa *Ligação com a América Latina*.

Negócios — Entre os setores mais atraentes para os investidores britânicos, o vice-ministro do Exterior, Nicholas Bonsor, apontou “petróleo, gás, telecomunicações, varejo e indústrias de médio porte”. O embaixador Keith Haskell vislumbra boas perspectivas na indústria automobilística, na qual as empresas britânicas participam apenas no setor de autopeças; na geração de energia termoeleétrica, que, ele acredita, será importante quando o Brasil esgotar seu potencial hidroelétrico; e também no setor varejista.

Haskell observou que algumas empresas estrangeiras, como a americana Wal-Mart e os supermercados franceses Carrefour, vêm tendo sucesso no Brasil, enquanto os supermercados britânicos e grandes magazines como Marks & Spencer, um dos maiores da Europa, estão fora do mercado brasileiro.

Nos últimos 18 meses, as empresas britânicas investiram US\$ 1,6 bilhão no Brasil. Se forem contados os investimentos de carteira, a Grã-Bretanha é o terceiro maior investidor no Brasil, depois dos Estados Unidos e da Alemanha e à frente do Japão.

Apesar de algumas restrições legais e regulamentações, o embaixador britânico entende que os maiores obstáculos ao investimento estrangeiro no Brasil tornaram-se psicológicos, resquícios de um passado de inflação alta, imprevisibilidade e caos econômico: “As condições para investimentos estrangeiros são hoje as mesmas oferecidas aos investidores brasileiros, e o Congresso aprovou uma lei de propriedade intelectual bastante satisfatória. As indústrias farmacêuticas, tanto as americanas quanto as britânicas ou suíças, estão satisfeitas”. A Glaxo Wellcome, segunda maior empresa de medicamentos do mundo, acaba de fazer investimento de mais de US\$ 100 milhões, que não teria feito sem a nova lei.

Comunicações — O Mercosul, acrescentou o embaixador Keith Haskell, tornou o Brasil e outros países latinos ainda mais atraentes, porque ampliou o mercado. Atenção especial está sendo dedicada ao setor de telecomunicações. A Grã-Bretanha e outros países europeus estão pedindo ao Brasil e a outros países em desenvolvimento que façam propostas melhores nas negociações atualmente conduzidas pela Organização Mundial do Comércio.

Um acordo liberalizando as telecomunicações deve ser anunciado no dia 15, mas, até agora, os Estados Unidos, maior mercado do mundo, exigem mais concessões para aderir ao acordo. Sem os americanos, ele será enfraquecido.

Este será o ano do Brasil na Grã-Bretanha, revelou o embaixador. Além do presidente Fernando Henrique Cardoso e dos ministros Pedro Malan (Fazenda), Luís Felipe Lampreia (Relações Exteriores) e Nelson Jobim (Justiça), a Grã-Bretanha convidou escritores, artistas, músicos e grupos de dança brasileiros para se apresentar no país, anunciou Keith Haskell. Uma conferência do Conselho Empresarial Brasil-Reino Unido será realizada em maio, em São Paulo. “Em 1998, faremos uma série de atividades para promover a Grã-Bretanha no Brasil”, adiantou o embaixador.

Quem chegou à Inglaterra, antes da delegação presidencial foi o diretor da área monetária do Banco Central, Francisco Lopes, que almoçou com executivos e analistas de mercado do centro financeiro de Londres. “Ele disse que vai tudo bem, mas afinal ele é pago para isto”, comentou um analista. “Como é pessoa muito articulada e inteligente, aceitamos. Nossa maior preocupação hoje é com a balança comercial. Não é um grande problema em si, mas, com a pressão combinada do déficit fiscal, pode se tornar um grande problema.”

Também participarão da conferência os presidentes do Peru, Alberto Fujimori, e do Panamá, Ernesto Pérez Balladares, além de ministros da Argentina, Bolívia, Colômbia, Guatemala e México, do primeiro-ministro John Major e dos ministros britânicos do Exterior, Malcolm Rifkind, e do Comércio e da Indústria, Ian Lang.